

Líderes aprovam o entendimento

SÃO PAULO — Três dos principais líderes do sindicalismo brasileiro — Joaquim dos Santos Andrade, o *Joaquinzão*, presidente da CGT; Antônio Rogério Magri, diretor desta Central e presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo; e Luís Antônio de Medeiros, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo — propuseram um “grande entendimento nacional”, com empresários, governo e trabalhadores sentando, o mais rápido possível, à mesa de conversação. Mas a expressão pacto social, desgastada pelo insucesso de tentativas semelhantes, está fora de seus dicionários.

O tema foi lançado no fogo da discussão pelos dirigentes da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) quando Magri, líder de 40 mil trabalhadores de um setor vital para a economia, saída de encontro com dois dirigentes do proscrito sindicato *Solidariedade*, da Polônia, em visita ao Brasil. Ele conversou sobre como é possível safar-se de uma grave crise econômica com Jerzy Milewski, representante internacional, e Stefan Nedzynski, consultor, que vivem em Bruxelas.

“Tornou-se claro que é preciso sentar à mesa e conversar, mas numa discussão com seriedade”, acrescentou. “A hora é de deixar de lado as questões ideológicas, nos livrarmos de vedetismos e, realmente, baixar a inflação.”

Diálogo — O presidente do Sindicato dos Eletricitários acredita que a CUT — a central sindical rival da CGT — admita que o momento é de diálogo. Destacou que Sarney já tem mandato definido de cinco anos: “É com esse governo que empresários e trabalhadores terão de conversar.”

O presidente da CGT concorda com a conversa entre as três partes. “Precisa-